

# A ESCOLHA DE BARUQUE

S.J. Schwantes

Ph.D. em Línguas Semíticas,  
Johns Hopkins University, EUA.  
Professor visitante no SALT-IAENE  
no 1º Semestre de 1995.

O capítulo 45 de Jeremias se destaca por várias razões: 1) Ele encerra um testemunho pessoal dirigido a Baruque, o secretário de Jeremias, no estilo com o qual estamos familiarizados pelos escritos de Ellen G. White. 2) A data deste testemunho pode ser estabelecida pela informação de que foi redigido “no ano quarto de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá” (Jr 45:1). Ora, o quarto ano de Jeoaquim corresponde a 604 a.C., segundo a cronologia de E. R. Thiele.<sup>1</sup> 3) Este testemunho está deslocado de sua posição natural logo após o capítulo 36, que descreve como uma boa parte do livro foi escrita por Baruque, sob o ditado de Jeremias. O capítulo 36 também nos informa que a ordem divina para que as mensagens orais do profeta fossem postas por escrito num rolo foi dada no quarto ano de Jeoaquim. O ditado começou no ano 604 a.C., mas a leitura pública do mesmo só ocorreu no ano seguinte (Jr 36:9). Os capítulos 37 a 44 tratam dos acontecimentos que levaram à queda de Jerusalém em 586 a.C., quando a cidade foi tomada pelos caldeus.

Não é desconhecido o fato de que o conteúdo do livro de Jeremias não segue uma ordem estritamente cronológica. Durante as vicissitudes do cativo em Babilônia, os rolos originais devem ter sofrido bastante, e quando, após o exílio, o texto foi reconstruído com base nos fragmentos que sobreviveram, perdeu-se de vista a ordem cronológica.<sup>2</sup>

Uma leitura do capítulo 45 nos permite perceber que Baruque passava por uma crise de profundo desânimo: “Porque me acrescentou o Senhor tristeza ao meu sofrimento; estou cansado do meu gemer, e não acho descanso” (v.3). A razão deste abatimento moral não é difícil de ser diagnosticada. Basta lembrar que Baruque vinha fazendo o penoso trabalho de amanuense do profeta durante meses seguidos. Naquela época remota a tarefa de um secretário era muito mais difícil. O hebraico, como outras línguas semíticas de então, não empregava vogais na escrita, e a distinção entre as várias consoantes guturais exigia grande atenção. Mesmo depois da introdução das vogais pelos massoretas, lá por volta do ano 500 de nossa era, a confusão entre as várias guturais era comum, como os

---

<sup>1</sup> E. R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (The Chicago University Press, Chicago, 1951), pág.161 e ss.

<sup>2</sup> Uma tentativa de reconstruir a ordem original do texto é feita em F. D. Nichol, ed. *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, 4:348ss. (Washington, D.C., Review And Herald Publishing Association, 1956).

hebraístas bem sabem.

Outra agravante é que seu patrão, o profeta Jeremias, não era visto com bons olhos pelas classes dirigentes, e menos pela classe sacerdotal. Ao passo que os sacerdotes, como regra, atribuíam excessiva importância ao cerimonialismo, Jeremias, juntamente com outros profetas, punha maior ênfase sobre o aspecto espiritual e moral da religião. O capítulo 36 revela como a leitura pública das mensagens que Jeremias vinha pregando há 23 anos provocou uma reação violenta da parte dos sacerdotes e do rei (Jr 36:26). Conseqüentemente todo o desprezo e ódio que nutriam contra Jeremias recaíam também sobre Baruque. Não fosse a intervenção divina ambos teriam perecido em mãos de um rei perverso como Jeoaquim.

Outra razão para o desânimo de Baruque era o progresso que seu irmão Seraías vinha fazendo nos círculos governamentais. Que Seraías era irmão de Baruque se deduz do fato de que ambos tinham como pai um certo Nerias (Jr 45:1 e 51:5). Ao passo que o nome Seraías é muito comum e é atribuído a 8 pessoas diferentes no Velho Testamento, o nome Nerias é raro e só se encontra no livro de Jeremias como sendo pai de Baruque e Seraías. Tanto Nerias como Seraías são nomes teofóricos, o que sugere que a família era tradicionalmente adoradora de IAHU, a forma hebraica abreviada de Jeová, que aparece no final de palavras como Isaías, Jeremias, etc.

*Neri-iahu* significa "Jeová é minha lâmpada" e *Sera-iahu*, "Jeová prevalece." O próprio nome Baruque significa "Abençoado," que corresponde ao português "Benedito." Não há dúvida de que se tratava de uma família religiosa. Nas circunstâncias não admira que Baruque estivesse a se associar com Jeremias como seu secretário, embora o cargo não lhe acenasse com nenhuma honra terrena.

Seraías, ao contrário, optou por uma carreira que lhe garantiria uma posição de destaque nos círculos governamentais. Com efeito Seraías chegou a ser camareiro-mor do rei Zedequias, e o acompanhou numa missão a Babilônia no ano quarto do seu reinado (Jr 51:59). Que a relação entre os dois irmãos era amistosa se deduz do fato de Jeremias pedir a Seraías que, ao chegar a Babilônia, lesse uma longa profecia que o Senhor pronunciara contra Babilônia, atasse o rolo profético a uma pedra e o lançasse no meio do Eufrates (Jr 51:61-64).

Naturalmente o ponto focal deste breve estudo é a mensagem que o Senhor dirigiu a Baruque num momento crítico de sua vida. O contexto nos permite perceber que Baruque provavelmente estava tentado a abandonar sua posição pouco confortável ao lado de Jeremias a fim de buscar uma carreira mais promissora. Não estaríamos equivocados se admitíssemos que o progresso de seu irmão nos círculos governamentais o tentasse também a buscar "grandezas" neste mundo. Suas qualificações não eram inferiores às de Seraías, e certamente na roda dos escribas da época ele devia gozar de um certo prestígio. Era dentro do quadro dos escribas que o governo procurava seus funcionários. Não poderia,

então, Seraías usar sua influência com os detentores do poder para fazer avançar seu irmão? Baruque certamente sentia a tensão cada vez maior entre o desejo de alcançar as “grandezas” com que o mundo lhe acenava de um lado, e, de outro, seu desejo de permanecer leal a Jeremias, custasse o que custasse.

O argumento usado no testemunho que lhe vinha da parte do Deus de Israel era eloqüente na sua simplicidade: Deus estava a ponto de demolir a ordem política e social para disciplinar Israel por causa de sua apostasia. Qualquer vantagem material que Baruque buscasse estava fadada a ser perdida na catástrofe que ia desabar sobre a nação. Infinitamente mais importante era identificar seu futuro com o programa divino para sua vida, do que buscar “grandezas” terrenas que, na melhor das hipóteses, não durariam mais do que uns poucos anos.

A história subsequente nos revela que Baruque, para crédito seu, escolheu não abandonar Jeremias, apesar dos riscos que essa decisão envolvia. Dezenove anos decorreram desde que recebeu o testemunho registrado no capítulo 45 até seu exílio no Egito ao lado do profeta, e quando, depois da queda de Jerusalém em 586 a.C., Jeremias foi levado para o Egito contra seu conselho e sua vontade, Baruque o acompanhou (Jr 43:3,7). Aí Baruque, “o abençoado”, descansou de seus labores.

Uma cortina de silêncio desce sobre o restante da vida de Baruque. No entanto, à semelhança do apóstolo Paulo, ele podia ter declarado com satisfação: “Não fui desobediente à visão celestial” (At 26:19).

No contexto de hoje, não há para nós uma lição importante nesta breve mensagem dirigida a Baruque?